

## A busca pelo significado social da variação: os desafios da pesquisa etnográfica

**Suely Cláudia Lobato Maciel**

Instituição: Universidade Estadual de Londrina

E-mail: [suely.claudia.lobato@uel.br](mailto:suely.claudia.lobato@uel.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6050-7944>

**Dircel Aparecida Kailer**

Instituição: Universidade Estadual de Londrina

E-mail: [dircelkailer@gmail.com](mailto:dircelkailer@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4387-2066>

**Resumo:** Este artigo, fruto da tese de doutoramento intitulada “O Uso do Pronome Feminino enquanto Marca Identitária de um Grupo Gay: linguagem, gênero e avaliação linguística”, busca evidenciar os desafios encontrados ao empreendermos uma pesquisa sociolinguística de cunho etnográfico (Severino, 2007; Mainardes, 2009), bem como demonstrar que suplantando tais barreiras é possível. Apoiados na perspectiva sociolinguística de terceira onda (Eckert, 2005), optamos por trilhar caminhos que nos levassem ao trabalho com o significado social da variação, experimentando procedimentos que conseguissem olhar além das macrocategorias sociais e chegassem à utilização da variação na construção estilística dos sujeitos da interação. Para isso, iniciamos nossa pesquisa sem um objeto de estudo definido a priori, pois esse seria escolhido após um período de observação participante dentro de uma comunidade de práticas. A falta desse elemento que direcionasse nosso olhar durante a pesquisa foi um dos desafios a serem superados. O longo período de observação também foi um obstáculo, mas, ao ser ultrapassado, nos auxiliou para que pudéssemos, se não romper, ao menos diminuir o chamado “paradoxo do observador” (Labov, 2008[1972]). Suplantando tais barreiras, buscamos identificar o significado social de uma variável usada por um grupo de homens cisgênero gays, em uma comunidade de práticas.

**Palavras-chave:** Etnografia; significado social da variação; terceira onda da sociolinguística; comunidade de práticas.

---

## The search for the social meaning of variation: the challenges of ethnographic research

**Abstract:** This article, the result of the doctoral thesis entitled "The Use of the Feminine Pronoun as an Identity Mark of a Gay Group: language, gender and linguistic evaluation", seeks to highlight the challenges encountered when undertaking sociolinguistic research of an ethnographic nature (Severino, 2007; Mainardes, 2009), as well as demonstrating that overcoming such barriers is possible. Supported by the third-wave sociolinguistic perspective (Eckert, 2005), we chose to follow paths that would lead us to work with the social meaning of variation, experimenting with procedures that could look beyond social macrocategories and reach the use of variation in the stylistic construction of the subjects of interaction. To achieve this, we began our research without an a priori defined object of study, as this would be chosen after a period of participant observation within a community of practices. The lack of this element that would direct our gaze during the research was one of the challenges to be overcome. The long period of observation was also an obstacle that needed to be overcome, but it helped us to, if not break, at least reduce the so-called "observer's paradox" (Labov, 2008). Overcoming such barriers, we seek to identify the social meaning of a variable used by a group of cisgender gay men, in a community of practices.

**Keywords:** Ethnography; social meaning of variation; third wave of sociolinguistics; community of practices

---

## La búsqueda del significado social de la variación: los desafíos de la investigación etnográfica

**Resumen:** Este artículo, resultado de la tesis doctoral titulada "El uso del pronombre femenino como marca identitaria de un grupo gay: lenguaje, género y evaluación lingüística", busca evidenciar los desafíos que surgen al emprender una investigación sociolingüística de carácter etnográfico (Severino, 2007; Mainardes, 2009), así como demostrar que es posible superar dichas barreras. Basándonos en la perspectiva sociolingüística de la tercera ola (Eckert, 2005), optamos por explorar caminos que nos permitieran analizar el significado social de la variación, empleando procedimientos que fueran más allá de las macrocategorías sociales y alcanzaran el uso de la variación en la construcción estilística de los sujetos en interacción. Para ello, iniciamos nuestra investigación sin un objeto de estudio definido a priori, pues este sería determinado tras un período de observación participante dentro de una comunidad de práctica. La ausencia de un elemento orientador para nuestra mirada durante la investigación constituyó uno de los desafíos a superar. El prolongado período de observación también representó un obstáculo; sin embargo, una vez superado, nos permitió, si no eliminar, al menos atenuar la llamada "paradoja del observador" (Labov, 2008[1972]). Superadas estas barreras, buscamos identificar el significado social de una variable utilizada por un grupo de hombres cisgénero gays en una comunidad de práctica.

**Palabras clave:** Etnografía; significado social de la variación; tercera ola de la sociolingüística; comunidad de práctica.

## INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido a partir de nossa tese de doutoramento intitulada “O Uso do Pronome Feminino enquanto Marca Identitária de um Grupo Gay: linguagem, gênero e avaliação linguística”; e da comunicação oral “A Busca pelo Significado Social da Variação: os desafios da pesquisa etnográfica” apresentada no VI CIELLI. Nosso objetivo é apresentar alguns desafios da pesquisa etnográfica na busca pelo significado social da variação linguística; bem como evidenciar benefícios oriundos dessa metodologia para os estudos sociolinguísticos.

Parece-nos importante trazer aqui os caminhos que trilhamos dentro da etnografia, com suas adversidades e contribuições, para oportunizar a outros pesquisadores, que desejarem utilizar a pesquisa etnográfica para a realização de estudos sociolinguísticos, um exemplo de como tal propósito pode ser alcançado. Para isso, iniciaremos explanando, brevemente, sobre as teorias que embasaram o estudo que originou este artigo; em seguida, apresentaremos o *locus* e o objeto da pesquisa; posteriormente, evidenciaremos o conceito do que seja uma pesquisa etnográfica participante e como a implementamos em nosso trabalho, apresentando os principais desafios e benefícios dessa aplicação.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As teorias aqui apresentadas serviram de base para a realização de nossa pesquisa de doutorado, direcionando as investigações, a forma de coleta e a análise dos dados coletados.



## A Sociolinguística Variacionista

As teorias linguísticas do início do século XX (Estruturalismo e Gerativismo) desconsideravam a possibilidade de um estudo empírico sobre a variação ocorrida na língua. De acordo com Labov (2008 [1972]), principal representante da Sociolinguística Variacionista, a maior restrição desse estudo seria o fato de uma variação livre, tal qual defendida pelo Estruturalismo, não poder ser, em princípio, condicionada. O autor também criticava as dicotomias saussurianas (Saussure, 2021[1916]), a não consideração de que fatores externos à língua sejam responsáveis por sua mudança e a visão chomskyana de que existiria uma comunidade de fala homogênea ou um falante/ouvinte ideal (Chomsky, 2002[1957]).

No momento histórico em que foram formuladas e com os objetivos a que se propuseram, ambas as teorias não analisaram a linguagem em sua totalidade, considerando seu contexto de produção. Por isso, outros estudos começaram a investigar fatores extralinguísticos presentes no uso da língua e determinantes na sua organização. Várias correntes surgiram durante a segunda metade do século XX, cada uma com determinado enfoque, mas considerando o uso linguístico. (Maciel, 2018, p. 22)

Após a publicação dos estudos realizados por Labov em Martha's Vineyard e Nova York, muitas pesquisas voltadas para a variação linguística passaram a ser elaboradas aos moldes labovianos (relacionando-a às macrocategorias sociais, como sexo, idade, escolaridade e classe social). No Brasil, pesquisadores como Tarallo (1986); Alkmin (2001), Garrão Neto (2009); Naro (2012); Cyranka (2015); Mollica e Ferrarezi Junior (2016); entre outros, buscaram difundir a teoria variacionista e corroborar com o pensamento laboviano sobre a relação da língua com os aspectos sociais que a circundam.

Com o desenvolvimento desses estudos ao longo dos anos, os pesquisadores começaram a perceber: (i) a necessidade de investigar além das

comunidades de fala e das categorias macrosociais; (ii) a importância de analisar a variação não somente entre falantes, mas intra falante; e (iii) que essa alternância era revestida de significados sociais. E, para atender a esses novos objetivos, seria necessária uma nova metodologia de coleta e análise de dados que se somasse às entrevistas sociolinguísticas e aos exames quantitativos utilizados até então.

As categorias sociais apresentavam-se mais estáveis e os indivíduos tinham menor mobilidade (física, virtual, social) na sociedade das décadas de 1960 e 1970. Já nas últimas décadas, temos vivido mudanças culturais e econômicas que têm impactado as estruturas sociais conhecidas, e os indivíduos, em teoria, estariam mais livres de estruturas como religião, tradição, moralidade, podendo reflexivamente fazer escolhas sobre seus estilos de vida (Hall, 2015; Vandenberghe, 2014).

Tais mudanças sociais afetam o fazer linguístico, deslocando o olhar das macrocategorias mais estáveis para os movimentos fluidos que ocorrem nas práticas sociais e linguísticas. (Lacerda; Görski, Paza, 2022, p. 06)

Didaticamente, essas diferentes formas de trabalhar a variação foram separadas, por Penélope Eckert, em três fases que ela denominou de ondas. Cada onda com seus objetivos e metodologias específicas, contudo sem que uma se sobreponha a outra. “Logo, os estudos variacionistas ganham em diversidade e qualidade, já que as três ondas coexistem e se completam, à medida que não são, estritamente, separadas nem cronologicamente nem substitutivamente” (Lisboa, 2015, p. 54).

De forma breve, assim podemos caracterizar tais vertentes:

#### **\* Primeira Onda**

Segundo Freitag; Martins; Tavares (2012, p. 920),

A primeira onda estabeleceu uma base sólida para o estudo da variação, evidenciando as correlações entre variáveis linguísticas e categorias sociais primárias, como classe econômica, sexo, idade, escolaridade etc. [...] A premissa dos estudos de primeira onda é, pois, que as variedades linguísticas carregam o status social de seus falantes. A metodologia dos estudos de

primeira onda é calcada na correlação entre as variáveis linguísticas e as categorias socioeconômicas em sentido amplo.

Essa vertente, então:

- (i) Trabalha com um grande volume de dados coletados a partir de entrevistas sociolinguísticas dentro de comunidades de fala;
- (ii) Utiliza análises quantitativas;
- (iii) Estabelece correlações entre as variáveis linguísticas e as macrocategorias sociais já mencionadas neste texto;
- (iv) Acredita que a variação linguística reflete a estrutura social e que o estilo é decorrente dos graus de atenção prestada à fala.

#### **\* Segunda Onda**

Para Veloso (2014, p. 04), “A segunda onda caracteriza-se pelas pesquisas de cunho etnográfico, que fornecem um retrato local das variáveis linguísticas, no sentido em que estas, situadas em comunidades menores, assumem valor social relativo à dinâmica local”. Essa vertente, então:

- (i) Desenvolve estudos etnográficos de comunidades de fala menores, em um período de tempo relativamente longo;
- (ii) Relaciona os usos linguísticos às redes sociais de seus falantes;
- (iii) Compreende as categorias locais como ligadas à demografia social;
- (iv) Entende a variação como indiciamento a categorias locais e o(s) estilo(s) como atos de filiação a essas categorias.

#### **\* Terceira Onda**

De acordo com Veloso (2014, p. 02),

[...] as pesquisas sociolinguísticas da terceira onda vão buscar entender a variação considerando os papéis e as atividades que o indivíduo desempenha nas suas relações sociais, no âmbito das comunidades de práticas, procurando analisar o estilo como um fator que contribui efetivamente para a construção do significado social da variação.

Essa vertente, então:

- (i) Tem caráter interdisciplinar, aproximando-se da Sociologia e da Antropologia linguística;
- (ii) Utiliza pesquisa etnográfica dentro de comunidades de práticas (CP);
- (iii) Coloca o sujeito no centro das pesquisas;
- (iv) Entende a variação como um protagonismo dos falantes no cenário social através da prática estilística e o(s) estilo(s) como atos de filiação e construção de identidades/personas.

Por ser a base do estudo por nós empreendido e do qual o presente artigo é resultado, falaremos um pouco mais acerca desta última onda.

### **A terceira onda da sociolinguística**

Trata-se de uma área dos estudos sociolinguísticos que ganhou visibilidade com os trabalhos da linguista estadunidense Penélope Eckert, no princípio dos anos 2000. Nessa perspectiva, a linguagem é considerada um sistema de significação a partir do qual as identidades são construídas (Moser; Damke, 2012), e a língua é tida “como prática social, sendo esta, portanto, produto de determinadas práticas, ao passo que se reflete nos papéis identitários dos informantes/falantes” (Nogueira, 2019, p. 15).

Utilizando a metodologia das ondas anteriores e incorporando, também, metodologias da Sociolinguística Interacional e de áreas como a Sociologia e a Antropologia Linguística, com quem dialoga, faz uma mudança no foco dos estudos. O interesse, agora, sai das comunidades de fala (compreendidas, segundo Labov (2008[1972]), como um grupo de pessoas que compartilham as mesmas normas

subjetivas em relação a uma língua ou variedade linguística) e adentra nas comunidades de práticas (consideradas, de acordo com Eckert; McConnell-Ginet, 2010[1992], p. 102), “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum”), com o objetivo de evidenciar o valor do significado social das variáveis. O indivíduo, tido como um reflexo das identidades sociais, é o centro das pesquisas, pois a variação linguística é apenas uma parte do sistema social semiótico que o constitui. Ou, conforme postula Veloso (2014, p. 02):

[...] as pesquisas sociolinguísticas da terceira onda vão buscar entender a variação considerando os papéis e as atividades que o indivíduo desempenha nas suas relações sociais, no âmbito das comunidades de práticas, procurando analisar o estilo como um fator que contribui efetivamente para a construção do significado social da variação.

Em nossa pesquisa de doutorado, buscamos analisar a variação presente nas falas de integrantes da ONG Arte pela Vida, CP localizada na cidade de Belém, capital do estado do Pará, região norte do Brasil.

## O LOCUS E O OBJETO DA PESQUISA

Em 1996, um grupo de artistas, jornalistas e fotógrafos se reuniu para realizar um show em Belém do Pará com o objetivo de angariar recursos para que um amigo, que acabara de ser diagnosticado com HIV, pudesse realizar seu tratamento em São Paulo. Após o espetáculo, esse grupo percebeu que poderia continuar a promover atividades que ajudassem outras PVHA a viver com mais dignidade. Surgiu, então, o Comitê Arte pela Vida, que agora é formalmente a ONG Arte Pela Vida.

O trabalho pelos direitos humanos e em prol das pessoas em situação de vulnerabilidade social, que vivem e convivem com HIV/AIDS, se estendeu por outras regiões do estado do Pará. Seus coordenadores, com a ajuda de voluntários,



promovem ações de prevenção em saúde, cultura e arte, eventos educacionais, projetos e assistência para essas pessoas, que tanto precisam de ajuda e visibilidade.

As bandeiras tão importantes levantadas e defendidas pela ONG (que incluem não somente o direito à vida e à dignidade das PVHA, mas também das pessoas LGBTQIA+ e de todos aqueles que de alguma forma sofrem com o preconceito e a discriminação da sociedade), bem como o fato de ser composta por indivíduos diversos em relação a gêneros, credos, etnias e tudo o mais que constitui os seres humanos, nos fez escolhê-la como locus para o desenvolvimento de nosso trabalho.

Com o objetivo inicial de: (i) saber se os estilos construídos pelos membros da ONG, em diferentes situações de interação, influenciavam na variedade linguística por eles utilizadas; e (ii) identificar o uso da chamada linguagem neutra (LN), uma vez que se trata de uma comunidade diversa no que se refere a gêneros, gravamos suas falas em situações como: reuniões para atender às demandas das pessoas ali atendidas, montagem e preparação de eventos, palestras ministradas em diferentes espaços e encontros descontraídos na loja sustentável Arte pela Vida.

A partir das transcrições e análises dessas gravações, não identificamos o uso de LN dentro dessa CP em específico, mas verificamos um número significativo de variáveis linguísticas presentes na comunidade, especialmente por se tratar de grande quantidade de pessoas engajadas nas ações. Dentre essas variáveis, a concordância nominal de número não padrão é bastante recorrente, como demonstrado nas transcrições a seguir:

a) Eu quero as mesa daquele lado. (fala ocorrida durante a organização da feira da diversidade LGBTQIA+).

b) Gente, nós vamos começar o sorteio da rifa dos namorado. (fala retirada de um vídeo postado nas redes sociais da ONG).

Não tomamos tal variação como objeto deste estudo porque seu significado social não está atrelado especificamente à CP observada. Segundo Santos (2010, p. 101),

“o fenômeno de variação na concordância nominal de número no PB não está restrito a uma região ou a uma classe social específica; é característico de toda a comunidade de fala brasileira”.

No entanto, uma variável gramatical foi empregada frequentemente durante nossas observações. Participantes dessa CP, especificamente um grupo de homens cisgêneros autodeclarados gays, empregam variavelmente o uso do gênero gramatical do pronome pessoal reto de terceira pessoa (ele/ela) para se referirem aos seus pares, ou seja, outros homens cis autodeclarados gays. Essa variação chamou nossa atenção e foi escolhida como objeto de análise desta pesquisa.

Apresentamos, a seguir, como se deu a pesquisa empreendida para a realização deste estudo.

## **A PESQUISA ETNOGRÁFICA PARTICIPANTE**

As três ondas da sociolinguística utilizam metodologias diferentes para a coleta e análise de dados, uma vez que seus objetivos em relação ao estudo da variação também são diferentes.

Os estudos de primeira onda usam, principalmente, a entrevista sociolinguística na busca do vernáculo dos informantes; as pesquisas de segunda onda valem-se, mais frequentemente, da pesquisa etnográfica para relacionar valores gerais com valores locais; enquanto os trabalhos de terceira onda continuam a utilizar a pesquisa etnográfica, agora com maior protagonismo do pesquisador participante, com o objetivo de buscar o significado social da variação enquanto instrumento utilizado pelos sujeitos na construção de estilos.

A partir dos estudos de terceira onda, portanto, o conceito desse tipo de pesquisa foi ampliado. O pesquisador deixa de ser somente observador, sendo introduzido como participante na comunidade em que está inserido. Para

compreender o que seria a pesquisa etnográfica participante, vejamos como Severino (2007, p. 119-120) caracteriza, separadamente, cada uma delas.

#### 3.4.2. Pesquisa etnográfica

A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia a dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microssocial, olhado com uma lente de aumento. Aplica métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa. Utiliza-se do *método etnográfico*, descritivo por excelência.

#### 3.4.3. Pesquisa participante

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo da participação.

Ao realizar uma pesquisa etnográfica na qual nos tornamos parte da CP observada, compartilhando do dia a dia de seus participantes, tomando parte nas ações realizadas, opinando nas reuniões e debates, ela se torna uma pesquisa etnográfica participante.

Assim, a observação participante é a principal estratégia de coleta de dados na pesquisa etnográfica. É por meio da observação que os etnógrafos reúnem dados básicos para a pesquisa, que podem ser complementados com entrevistas, análises de textos e de outros documentos. Observando o contexto, o etnógrafo poderá apreender o que está ocorrendo, como está ocorrendo e o porquê. (Mainardes, 2009, p. 101)

O tempo necessário para a realização desse tipo de estudo nunca é pequeno, podendo, a depender do seu objetivo, levar anos. De acordo com Nogueira (2019, p. 28), “[...] quanto mais tempo o pesquisador ficar na comunidade, mais confiança e intimidade ganhará dos demais membros e aumentará o leque de possibilidades para

interpretação dos fenômenos estudados”. Para Mainardes (2009, p. 101), o trabalho com essa metodologia:

[...] envolve a participação total ou parcial do etnógrafo na vida cotidiana das pessoas ou do grupo pesquisado por um longo período de tempo, observando as situações, ouvindo o que é dito, fazendo perguntas, enfim, coletando qualquer tipo de dado que esteja disponível para iluminar as questões do foco da pesquisa.

Em junho de 2022, fizemos nosso primeiro contato com os coordenadores da ONG Arte pela Vida, apresentando nosso projeto e pedindo permissão para que ele fosse desenvolvido ali. No que fomos prontamente atendidas. Após o aceite dos participantes, solicitamos a liberação do estudo para o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UEL, o que ocorreu em agosto do mesmo ano.

Em setembro de 2022, então, iniciamos nossa pesquisa etnográfica participante. Passamos a frequentar os encontros da ONG três vezes na semana, no período da tarde, e a participar das ações desenvolvidas junto às PVHA. As falas dos participantes eram gravadas e fazíamos anotações em nosso diário de campo, no qual registrávamos informações impossíveis de serem captadas nos áudios, como as roupas, acessórios e expressões faciais que, juntamente com a linguagem, compunham o estilo de cada sujeito ali presente.

Durante a pesquisa, nos deparamos com dificuldades e também com gratas contribuições, que apresentamos a seguir.

## DESAFIOS ENCONTRADOS

Ao decidir realizar um estudo sociolinguístico de terceira onda, de base etnográfica, alguns desafios nos foram impostos, sendo os principais:

i) Iniciar a pesquisa sem um objeto de investigação previamente estabelecido, pois este deveria ser definido a posteriori, a partir do que fosse observado na CP. O que nos causou um grande receio de encontrar variantes linguísticas que os

identificasse. Como mencionado anteriormente, nossa primeira expectativa era nos deparar com a utilização frequente de LN, no que fomos, logo de início, frustradas. Para nossa surpresa (e desespero), esse uso, além de esporádico, comprovou-se limitado ao pronome todes em expressões como “Bom dia a todos, todas e todes”, geralmente na abertura de eventos. Contudo, sem desistir de encontrar algo na linguagem daqueles sujeitos que nos indicasse que havia ali um significado social diferente para uma variável linguística que ainda nos era desconhecida, continuamos nossa observação. Com o passar do tempo de inserção nas atividades da ONG, percebemos que um grupo constituído por 5 homens cis gays utilizavam, variavelmente, ele/ela para se referirem a seus pares. Essa variação nos chamou atenção por observarmos que a alternância entre o gênero gramatical masculino ou feminino parecia depender de fatores como: quem estava presente na interação, o local onde ela ocorria e o papel que os sujeitos assumiam no momento da fala. Após a definição de nosso objeto de estudo, procuramos direcionar nosso olhar para a variável escolhida e o grupo que a utilizava.

(ii) O longo período de pesquisa necessário para que fosse possível: identificar o objeto de estudo; tornar nossa presença na ONG comum a todos os membros, para que pudéssemos diminuir o “paradoxo do observador” ; coletar dados suficientes para embasar o estudo; e realizar anotações que nos ajudassem a comprovar as conclusões a que chegamos. Para este estudo, o tempo necessário foi de 21 meses a partir da liberação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos até a aplicação do Questionário Sociocultural, da entrevista e do teste de avaliação linguística que compuseram, junto com os dados coletados durante as gravações, nosso material de análise.

(iii) O investimento financeiro para a efetivação da pesquisa. No caso do estudo aqui apresentado, os gastos foram, em maior parte, direcionados para transporte e alimentação, uma vez que já dispúnhamos do material necessário para

realizar as gravações. No entanto, há trabalhos que necessitam adquirir equipamentos, softwares e recursos humanos para que a coleta e análise de dados ocorram a contento.

(iv) A grande quantidade de dados a serem analisados, visto que se trata de muitas horas de gravação, que foram transcritas, identificadas e contrastadas com as anotações no diário de campo. Ou seja, é necessário um árduo trabalho para que os objetivos sejam alcançados.

### **Benefícios encontrados**

Assim como são verdadeiros os desafios que enfrentamos em nosso empreendimento, também são verdadeiras as contribuições que a pesquisa etnográfica nos apresentou. Entre as quais podemos destacar:

(i) A grande quantidade de dados coletados. Embora seja necessário um amplo esforço em sua análise, os dados que obtivemos durante nosso estudo servirão para outras pesquisas além daquela para que foram inicialmente coletados.

(ii) A diminuição do “paradoxo do observador”, uma vez que, por estarmos quase diariamente presentes nos encontros da ONG, pudemos ser considerados participantes da CP. Essa relação de proximidade permitiu que os demais integrantes não ficassem preocupados com a forma como utilizariam a linguagem na nossa presença.

(iii) O conhecimento mais profundo sobre os sujeitos da pesquisa. Ao participarmos da comunidade de práticas, tivemos acesso às histórias de vida dos participantes, seus sonhos e suas crenças em relação ao mundo e a si mesmos. Essa compreensão permitiu que pudéssemos relacionar os fatos de linguagem que observamos às demais características desses sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito inicialmente, o objetivo deste artigo é apresentar, aos pesquisadores que pretendam realizar um estudo sociolinguístico de cunho etnográfico, os desafios e contribuições que poderão encontrar nesse caminho.

Nossa pesquisa obteve êxito em seu propósito, mas foi necessário vencer receios e perseverar em sua realização, pois não foi fácil direcionar para ela um tempo considerado longo dentro do nosso período de pós-graduação, quando temos que dar conta de disciplinas, leituras, produção de artigos, participações em eventos e realizações de trabalhos.

Conforme destacamos anteriormente, a pesquisa etnográfica ao mesmo tempo que apresenta ao pesquisador desafios também traz benefícios. Em relação aos desafios, entendemos, por exemplo, que a necessidade de acompanhar a comunidade por um longo período e o montante de dados coletados que deverão ser transcritos e analisados sobrecarregam o pesquisador que, geralmente, tem prazos para apresentar os resultados dessa investigação além de outras demandas profissionais e acadêmicas. Somando-se a isso, os custos desse tipo de pesquisa também desafiam o pesquisador.

Por outro lado, esses mesmos desafios podem ser vistos como benefícios, pois a grande quantidade de dados coletados poderá ser utilizada para pesquisas futuras. O longo período de convivência também traz o benefício de aproximar o pesquisador da comunidade, fato que possibilita uma interação mais efetiva e a observação do uso da linguagem de uma maneira mais próxima do vernáculo das pessoas que ali interagem.

Por fim, destacamos que, antes de iniciar um levantamento de dados etnográficos, o pesquisador tenha em mente que precisará refazer seu planejamento

mais de uma vez para superar os desafios que podem surgir no percurso; e reiteramos que esse tipo de pesquisa é um caminho profícuo para coleta de dados e possível de ser realizado.

## AGRADECIMENTOS

À CAPES, à Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC) e à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Belém (SEMEC), pelo apoio financeiro para a pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. M. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-48.

CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. New York: Mouton de Gruyter, 2002[1957].

CYRANKA, L. F. M. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Orgs.). **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola, 2015, p. 31-52.

ECKERT, P. Variation, convention and social meaning. In: **Paper presented at the Annual Meeting of Linguistic Society of America**, Oakland, CA, Jan. 2005.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder, In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. **Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 93-107

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de Dados Sociolinguísticos de Português Brasileiro e os Estudos de Terceira Onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 03, p. 917-944, 2012. Disponível





em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4907/4367>. Acesso em: 14 out. 2024.

GARRÃO NETO, E. A Sociolinguística. In: MOLLICA, M. C. (Org.). **Linguagem para formação em letras, educação e fonoaudiologia**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 83-92.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LACERDA, M. L.; GÖRSKI, E. M.; PAZA, C. R. M. A terceira onda variacionista: continuidade ou descontinuidade de fases? **Revista da Abralín**, v. 21, n. 1, p. 1-27, 2022. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2070>. Acesso em: 14 out. 2024. <https://doi.org/10.25189/rabralin.v21i1.2070>

LISBOA, C. M. de O. M. **Doutor e outras formas de tratamento direcionados aos profissionais jurídicos**: análise de uma comunidade de prática à luz da terceira onda da Sociolinguística. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2015.

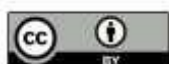
MACIEL, S. C. L. **O Apagamento do -R em Coda Silábica em Textos Escritos por Alunos da EJA de Belém do Pará**: uma proposta de intervenção pedagógico-variacionista. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

MAINARDES, J. Pesquisa etnográfica: elementos essenciais. In: BOURGUIGNON, J. A. **Pesquisa Social**: reflexões teóricas e metodológicas. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009. p. 99-124.

MENDES, R. B. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. **Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. v. 8, n. 1, p. 113-124, junho de 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4477>. Acesso em: 14 out. 2024. <https://doi.org/10.31513/linguistica.2012.v8n1a4477>.

MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JUNIOR, C. Apresentação. In: MOLLICA, M.C.; FERRAREZI JUNIOR, C. (Orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016, p. 9-12.

MOSER, F.; DAMKE, C. A construção da identidade na e pela linguagem. **Revista Travessias**. v. 6. n. 2, p. 428-447, 2012. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/6682>. Acesso em: 14 out. 2024.



NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-26.

NOGUEIRA, J. M. da S. **O Vocativo numa Comunidade de Prática Gay de Serra Talhada-PE: descrição e uso**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, Recife, 2019.

SANTOS, L. S. M. **Sobre a ausência de concordância nominal de número no português falado em Pedro Leopoldo/Minas Gerais: uma abordagem variacionista**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021[1916].

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2 ed., 1986.

VELOSO, R. As Três Ondas da Sociolinguística e um Estudo em Comunidades de Práticas. In: ALFAL, João Pessoa, 2014. Disponível em:  
<https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R1026-1.pdf>.